



**O fotógrafo da praça  
e a praça do fotógrafo**

**Célio dos Santos Costa  
José de Arimatéia Cordeiro Custódio**

# O fotógrafo da praça e a praça do fotógrafo

## The square photographer and the square of the photographer

Célio dos Santos Costa\*  
José de Arimatéia Cordeiro Custódio\*\*

---

**Resumo:** *Este trabalho busca as perspectivas dos fotógrafos profissionais mais antigos de Londrina com relação à fotografia na atualidade. A nova tecnologia de fotografia digital tem participação expressiva nesse segmento e é perceptível a desistência ou falência de muitos profissionais da fotografia com estabelecimentos comerciais instalados há muitos anos, por conta dessa nova tecnologia fotográfica. Foram selecionados os cinco profissionais mais antigos da cidade, e sob sua ótica, procura-se relacionar as prováveis causas da extinção desses profissionais.*

**Palavras-chave:** *Londrina; fotógrafos; fotógrafo de praça; fotografia digital.*

**Abstract:** *This study addresses the perspectives of older professional photographers in Londrina in relation to current photography. The new digital photo technology is widely adopted in this segment, hence a great level quitting or bankruptcy is observed among many professionals who held commercial establishments for many years. The five oldest of these professionals were selected to express their points of view as a means to detect the probable causes of their extinction as professionals.*

**Key-words:** *Londrina; photographers; square photographers; digital photo.*

---

---

\*Graduado em Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo pela Metropolitana/IESB de Londrina. Especialista em Fotografia pela Universidade Estadual de Londrina.

\*\*Especialista em Fotografia e Doutor em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Londrina. Professor colaborador do Curso de Especialização em Fotografia da Universidade Estadual de Londrina.

## Introdução

A idéia para este artigo surgiu de um projeto de pesquisa desenvolvido na Universidade Estadual de Londrina que mapeou 50 profissões que, no início da colonização da cidade, foram de suma importância para seu desenvolvimento.

Em busca das vivências e experiências relatadas por pessoas que exerceram ou exercem profissões fundamentais para o desenvolvimento da sociedade londrinense, foi iniciada uma busca exaustiva por esses personagens.

Em razão de afinidades temáticas e dos estudos na Especialização em Fotografia, optou-se pela abordagem das profissões em extinção diretamente atreladas à fotografia. O avanço das tecnologias vem a cada dia sucateando o velho sistema, e alguns profissionais estão prestes a sair do mercado de imagens analógicas. É com eles que se desenvolve o presente trabalho.

As pesquisas em que são utilizadas as fotografias requerem o relato do pesquisador sobre as imagens capturadas e a narrativa do pesquisado-entrevistado, quando é o caso, pois só esse conjunto de fatores será capaz de dar sustentação e credibilidade à pesquisa.

A leitura de uma fotografia requer a reconstituição de algo passado, de um assunto acontecido, de um fato narrado, e conjugá-lo em um presente.

Nesse momento, ela adquire novas cores, novos sentidos, conotativos e denotativos, mostrando que as imagens não estão atreladas apenas ao seu referencial, a partir do momento em que é reconstruído o seu presente, mesmo conservando o seu passado ali explicitado, mas se faz uma projeção para o seu futuro, e o seu autor – com sua linguagem e criação – é o elemento transpositor dessa forma documental de perpetuação dos fatos.

Foi feito um levantamento prévio, no qual foram estabelecidos os critérios e métodos de pesquisa, bem como as profissões extintas ou em

processo de extinção. Foram relacionadas cinquenta profissões, divididas em sete grupos, e definido quem faria as entrevistas e as fotografias de tais profissionais.

O objetivo deste trabalho é realizar um resgate iconográfico, relacionado aos profissionais e profissões e, também, fazer um levantamento com o intuito de verificar o modo de vida e se a família mantém a profissão dos pais, e qual contribuição desses profissionais nos dias de hoje para a cidade de Londrina.

Munidos de equipamento fotográfico, o grupo de pesquisadores saiu a campo, na tentativa de registrar fotograficamente os profissionais que não estão mais em atividade e os que ainda atuam no mercado, formal ou informal.

A quantidade de fotografias de cada entrevistado ficou a critério dos integrantes do grupo, bem como a revelação e cópias por conta de cada um.

A cada duas semanas era feita uma reunião para relatar o que havia sido feito e quais as imagens disponíveis, assim como quais profissões ainda faltavam e as dificuldades encontradas. Baseados nesse relato, o coordenador fazia a avaliação do material e redistribuía as profissões a serem fotografadas nas próximas duas semanas. No decorrer dos trabalhos, foram capturadas aproximadamente 250 imagens, pertencentes aos fotógrafos do grupo.

Este artigo relata parte desse projeto, abrangendo uma profissão específica: o fotógrafo.

---

## Os personagens

---

Dentre tantos personagens, a pesquisa descobriu fotógrafos lambe-lambes e de preto e branco, raizeiros, benzedeiros, técnicos de mecanografia (consertadores de máquinas de datilografia), sapateiros, alfaiates, relojoeiros, ourives, consertadores de painéis, carroceiros, barbeiros, ascensoristas, etc.

Saímos ao encontro dessas pessoas, depois de nos reunir e listar as principais profissões e profissionais que julgamos de vital importância para o crescimento da cidade. Destacamos aqui os fotógrafos porque eles contribuíram com a documentação dos demais trabalhadores que aqui chegaram: faziam as fotografias para carteira de trabalho, de identidade e de registros profissionais em geral.

Para colher informações precisas e completas tivemos que fazer várias visitas ao mesmo entrevistado, pois, em um primeiro encontro, explicávamos a intenção e os objetivos do projeto. Alguns aceitavam prontamente; outros, mais reticentes, pediam que voltássemos outra hora.

Na maioria dos casos, encontramos personagens bem dispostos, que contribuíram com trabalho e não “esconderam o jogo”, até porque são pessoas de certa idade e de educação refinada, cultas e de muita desenvoltura, principalmente os que trabalham no comércio, e que estão em constante contato com pessoas das mais variadas classes sociais e culturais.

## A perspectiva antropológica

A antropologia busca verificar o comportamento das pessoas perante as suas famílias através dos lugares que escolheram para morar e trabalhar. Os que escolheram Londrina encontraram uma cidade com grande promessa de desenvolvimento regional, onde poderiam trabalhar dignamente e criar suas famílias.

Vieram muito jovens, com perspectiva de uma vida melhor do que encontravam em seus lugares de origem. Pode-se dizer que na sua maioria vieram movidos pelo anseio de melhorar de vida e fazer fortuna, como é o caso da maioria dos entrevistados.

De acordo com os relatórios da década de 30 da CTNP – Companhia de Terras Norte do Paraná, citados por Boni (2004, p.63),

os imigrantes que chegaram em Londrina na década de 30 foram os espanhóis, italianos, japoneses, ucranianos, poloneses, russos, entre outros.

Muitos dos que vieram para Londrina já estavam radicados no Brasil há muito tempo, como os japoneses, que chegaram em 1908 e se instalaram primeiramente no estado de São Paulo, onde foram trabalhar nas lavouras de café e posteriormente vieram para Londrina em 1929, movidos pelo desejo de comprar lotes da Companhia de Terras Norte do Paraná.

Segundo Boni (2004, p.263):

O agenciador de terras Hikoma Udihara havia chegado ao Brasil em 1910 e já estava “meio” brasileiro. Udihara era corretor de terras da Companhia de Terras Norte do Paraná, da qual havia conseguido exclusividade para negociar com imigrantes japoneses. Ele convenceu os Ohara e outros imigrantes japoneses sediados em Santo Anastácio a conhecer o que ele dizia ser o “maior projeto de colonização” em terras brasileiras.

Em dezembro de 1929, os japoneses vieram e gostaram do que viram. Eram nove potenciais compradores de terras. Entre final de março e início de abril de 1930, cinco dos nove japoneses compraram os primeiros lotes vendidos pela Companhia de Terras. (BONI, 2004 p.263).

## As profissões

O que motivou essas famílias a virem foi a novidade do lugar e o destaque da cultura do café nacional. Como a maioria das famílias era de agricultores, logo se estabeleceram nas fazendas de café da região. Porém, como Londrina crescia rapidamente, precisava de profissionais de várias áreas.

Muitos dos filhos desses imigrantes buscaram alternativas para suas vidas e não esperaram só dos cafezais o seu progresso, portanto foram estudando e montando seus comércios. Outros já vinham com o objetivo de colocar um estabelecimento comercial específico, uma vez

que a cidade era carente de muitos profissionais, como fotógrafos, médicos, farmacêuticos, maquinistas de trens, cartorários, alfaiates, barbeiros, parteiras, etc.

Os objetos guardados por essas pessoas, seja para execução do seu trabalho ou mesmo para ornamento são sempre bem cuidados. A estima depositada nessas peças as tornam parte de suas vidas, como no caso do seu Luiz, do Foto dos Estudantes, que guarda suas primeiras câmeras fotográficas, ou no caso do seu Messias, fotógrafo da praça, que ainda tem a primeira câmera de lambe-lambe.

### Seu Messias: o último lambe-lambe



*Figura 1 - A câmera caixote: ícone da profissão  
Foto: Célio Costa*

“Hoje eu sou mais fotografado do que fotógrafo”. Com essa afirmação o senhor Messias Bezerra (figura 1), de 61 anos, resumiu a sua profissão de lambe-lambe.

Os fotógrafos populares brasileiros utilizavam como aparelho-laboratório uma caixa de madeira, posta sobre um tripé de madeira, igualmente equipada com uma objetiva na frente. Atrás da caixa, sobre a face oposta às lentes, tem um orifício coberto com um tecido preto pelo qual o fotógrafo observa a imagem invertida, refletida sobre uma placa de vidro.

Ao lado tem um outro orifício pelo qual o fotógrafo introduz as suas mãos. O que lhe permite ter acesso ao interior da caixa a fim de aí poder colocar o negativo em papel fotográfico, antes de passá-lo no revelador e no fixador; ele faz a mesma operação com o positivo. (RIBEIRO, 1997. p.10).

“Sou o último dos fotógrafos de praça de Londrina. Estou aqui na Praça da Bandeira, no centro da cidade, há trinta e três anos”. Com sua câmera de caixote, recorda com saudosismo dos bons tempos da fotografia preto e branco, feita na hora, quando as pessoas formavam filas para serem fotografadas.

Segundo ele, na década de 80 chegava a fotografar 40 cabeças (modo com que se refere aos retratados): “não dava tempo nem de almoçar, ir ao banheiro ou coisa assim, era uma correria só”, relata. E não era só ele, pois os outros profissionais da praça fotografavam nesse ritmo também. E continua:

Me recordo que éramos em 16 fotógrafos nessa época, não me lembro de todos, mas tinha o seu José Juliani, que trabalhou por mais de 50 anos aqui; tinha o Jovelino, que trabalhou mais ou menos 40 anos e que morreu há pouco tempo; o José Miashiro, que permaneceu aqui por 28 anos; o Waldir, o Raimundo, que trabalhou em frente ao Posto de Saúde; tinha um anãozinho que não me recordo o nome, que trabalhou por muito tempo também, esse tinha a câmera adaptada para a sua altura e outros tantos que não me lembro mais os nomes.

Ele veio com a família de Águas Belas (PE), em busca de trabalho nos cafezais. Depois de a família toda ficar “morando” quinze dias dentro da rodoviária (nesse tempo a rodoviária era onde hoje é a Praça Primeiro de Maio), seu pai conseguiu emprego em uma lavoura de café do sr. Virgílio Spuri, na época proprietário da Viação Ouro Branco. A propriedade ficava no bairro Três Bocas, segundo seu Messias.

Com apenas seis anos de idade, o fotógrafo se recorda com clareza dos detalhes dos primeiros dias em Londrina. Permaneceu até os 20 anos, quando foi para o Rio de Janeiro trabalhar na construção civil. Lá, teve

contato pela primeira vez com câmeras fotográficas, e comprou uma Olympus Trip, com a qual fotografava os turistas na praia de Copacabana.

Depois de sete anos trabalhando no Rio, voltou para Londrina, onde trocou a sua Olympus e um Flash Frata 100 pelo ponto lambe-lambe, com câmera e tudo. Para quem não conhece esse tipo de câmera, ela é como um caixote, em que se enfia a cabeça por baixo de um pano escuro (como um minilaboratório) para revelar as fotos. Pronto: começava ali a longa trajetória de fotógrafo de praça (figura 2) que perdura até hoje.



*Figura 2 - A Praça da Bandeira, e do lambe-lambe  
Foto: Célvio Costa*

“Trabalhávamos muito nos anos 80. Quando terminava o trabalho no final do dia, estávamos com o bolso cheio de dinheiro eu passava no açougue e comprava muita carne, para a semana toda”. O fotógrafo se refere à carne como forma de dizer que a mistura era abundante, e mistura em abundância significava que tinha mais disponibilidade de dinheiro no bolso. Esse tempo acabou – reforça ele – e hoje a câmera só é utilizada como um atrativo saudosista e ponto de referência: ali resiste o último dos fotógrafos de praça de Londrina.

Seu Messias fotografa em preto e branco com sua velha câmera, mas diz que não vale mais a pena, pelo custo final com que a fotografia chega à mão do cliente. Ultimamente fotografa mais em cores com uma

câmera de 35mm; corta o filme e manda revelar em um laboratório automático, situado nas proximidades da praça.

Ele agora é um ícone, requisitado para dar entrevistas para diversos jornais e para diferentes canais de televisão como o último lambe-lambe de Londrina e, por que não dizer, do Paraná.

### Os amigos do Seu Messias



*Figura 3 - O local de trabalho do lambe-lambe  
é ponto de encontro diário dos amigos  
Foto: Célio Costa*

Nas duas visitas ao seu Messias, observamos que em seu local de trabalho há uma grande concentração de amigos de muitos anos, aposentados, que passam o tempo conversando despreziosamente (figura 3). Encontramos, por exemplo, o sr. José Miashiro, que também foi fotógrafo de praça.

Também estava lá o sr. João Francisco, o penúltimo fotógrafo da praça, que por lá permaneceu por aproximadamente 20 anos. Esses ex-lambe-lambes marcam presença diariamente e até ajudam o seu Messias nas atividades fotográficas. Observamos outras pessoas que sempre passam para conversar com ele e por conseqüência com os outros que por ali se encontram, fazendo do lugar um ponto de referência para discussões políticas, sociais e econômicas, entre outras.

O seu João Francisco contou que deixou a atividade há mais ou menos um ano. Disse que foi difícil deixar o trabalho, mas levou em conta que havia acabado de se aposentar, e que na praça os dois amigos trabalhando dividiam o pouco de clientes que ainda restava, portanto decidiu parar para que assim os clientes ficassem todos com o seu Messias, que ainda não é aposentado.

Fica assim caracterizado um exemplo de companheirismo entre os lambe-lambes, nesse que é um momento delicado da sua saída da praça. Seu João mostra que não prezam só o trabalho e o faturamento, e sim a amizade de muitos anos.

## A evolução tecnológica

Observamos também que a velha atividade de fotografar em preto e branco e revelar na hora há muito tempo já não é praticada, pois o seu Messias não encontra os produtos químicos e os papéis fotográficos com facilidade como antigamente e, quando encontra, os preços não são nada convidativos, tornando o custo de suas fotografias inviável para seus clientes.



*Figura 4 - A velha tecnologia acomoda a nova  
Foto: Célvio Costa*

Agora, a maneira encontrada para continuar a atividade foi resgatar uma velha câmera Olympus Trip que há tempos não era usada, e fotografar com ela.

O interessante é que ele deixa a velha máquina dentro da câmera caixote (figura 4) e, quando o cliente chega, levanta o velho pano preto, retira a camerazinha do seu interior e leva o cliente até um local de sombra em baixo de uma árvore (figuras 5, 6 e 7), onde o amigo José segura um pano para proteger o fotografado de uma luz lateral.

Ajeita o paletó no freguês e dá o clic; retorna para a câmera caixote, coloca a camerazinha em seu interior e corta o filme. Na seqüência, pede para o seu José ir até um laboratório automatizado, nas proximidades, fazer a cópia de fotografia 3x4, mas antes toma o cuidado de receber adiantado do cliente e o avisa para voltar em aproximadamente 40 minutos para pegar o produto.



*Figuras 5, 6 e 7 - Seqüência de imagens, que demonstra o carinho e capricho do seu Messias, auxiliado pelo seu José*  
*Fotos: Célio Costa*

## A câmera fotográfica como referência

Pode-se pressupor que a câmera fotográfica do seu Messias é a referência para a aglutinação das pessoas, seus antigos companheiros de trabalhos e os atuais amigos e aposentados.

A percepção que se tem ao vê-los reunidos em volta da velha câmera é que o saudosismo os remete ao passado e ao mesmo tempo preserva e atualiza o companheirismo. Assim fica evidenciada essa auto-afirmação de que ali existe um profissional que dedicou grande parte da sua vida àquele local da cidade e é conhecido e respeitado por isso.

Ele se valeu da câmera fotográfica como uma forma de registrar sua passagem pela cidade, com uma frequência quase que diária, salvo raras exceções, e produziu um vasto material fotográfico, de valor histórico incomensurável, e nessa trajetória fazia-se um registro, uma espécie de materialidade de “estar lá”, de ser integrante do meio, alguém valoroso em uma determinada época da cidade.

Indagamos, se lhe fosse cerceada a possibilidade de permanência da câmera fotográfica naquele local: o que seria dele e também do grupo que ali se reúne?

Embora com a idade avançada, não quer parar de exercer uma atividade que o caracteriza e o afirma como indivíduo respeitado. É bem provável que por isso tantas pessoas em idade de aposentadoria ainda permaneçam em atividade. É provável também que isso lhes traga motivação para a vida e prolongue a sua existência.

### Seu Luiz, do Foto dos Estudantes

Luiz (figura 8) é o nome de batismo em casa. Seu nome de registro é Takeshi Hayashi – 66 anos; cidade natal: Gália (SP). Trabalha com fotografia em Londrina há pelo menos 30 anos, e sempre esteve com seu estabelecimento comercial no mesmo lugar, na avenida Paraná, hoje Calçadão, esquina com a rua Pernambuco (figura 9).



*Figura 8 - Seu Luiz, do Foto dos Estudantes  
Foto: Célio Costa*



*Figura 9 - A pequena porta de entrada para o estúdio  
Foto: Célio Costa*

Sua especialidade é a fotografia para documentos, embora sempre tenha sido requisitado para fotografar eventos como formaturas, casamentos, aniversários, batizados, primeira comunhão, entre outros.

Era costume fazer um painel com várias fotografias de documento, que servia como amostra da qualidade das fotos registradas naquele estabelecimento (figuras 10 e 11), e também para que o possível fotografado encontrasse algum conhecido no meio de tantas imagens, o que permitia iniciar uma conversa mais amigável por conta da “descoberta” no painel.



*Figuras 10 e 11 - Painéis fotográficos com muitas fotos, utilizados como referência da qualidade do serviço  
Fotos: Célio Costa*

## Fotografia para documentos

No auge das fotografias para documentos, na década de 80, seu Luiz fazia em média 200 pessoas por dia, e tudo era em preto e branco (figura 12). Ficava até de madrugada fazendo as cópias para entrega na manhã seguinte, quando tudo começava outra vez, entregando as do dia anterior e já fotografando para a manhã seguinte.



*Figura 12 - Laboratório para fotos preto e branco:  
desativado, porém preservado  
Foto: Célio Costa*

Além disso, fazia revelação e cópias de postais coloridos e, para dar conta do serviço, tinha quatro funcionários e cada um cuidava de um setor – um fotografava em preto e branco, outro atendia balcão, outro revelava em cor, cada um com uma determinada função dentro da empresa. Segundo ele tudo isso se acabou, inclusive o laboratório preto e branco, desativado há pouco tempo, pois o processo se tornou caro e o material para utilização está escasso.

No final da década de 80 – época muito positiva para a fotografia em preto e branco – comprou o Foto dos Comerciantes. Esse era outro tradicional ponto de fotografias para documentos situado na rua Sergipe, no andar superior da Casa Maimone (esquina com a rua Pernambuco). No entanto, o empreendimento não deu certo, pois a fotografia em preto

e branco e, mais especificamente a de documentos, entrou em decadência. Assim, amargou um grande prejuízo.

Mantém o estúdio fotográfico para fotografias de documentos no mesmo lugar, há pelo menos trinta anos. Porém, está descontente e desanimado com os negócios e, com apenas um funcionário, seu Luiz diz que está cansado e que tem pouco lucro, pois os grandes laboratórios tomaram conta de tudo e fazem na hora as fotografias, digitais ou analógicas, coloridas ou em preto e branco, e que os trabalhos de restauração que ele fazia requerem tratamentos especializados digitais, nos quais ele imagina que terá que investir, se quiser continuar no mercado por mais algum tempo.

Segundo seu Luiz, os equipamentos são caros. Por esses fatores e pelo volume de trabalho extremamente baixo, no seu caso, disse que vai investir, mas não agora, pois precisaria de outros componentes para tratamento e impressão dessas imagens. É necessário comprar câmeras digitais e fazer cursos específicos na aprendizagem de *softwares* de tratamento de imagens e de outros do tipo gravadores de imagens.

Hoje trabalha basicamente com fotografias para documentos, tipo 3x4. Fotografa e imprime digitalmente, cobra oito reais por quatro cópias e cinco reais se a pessoa fotografada não tiver pressa e as fotografias puderem ser entregues depois.

Esporadicamente, fotografa casamentos e formaturas. Ainda usa o sistema analógico para estes trabalhos. Tem várias câmeras analógicas, tipo Nikon F3, Pentax K1000, Cânon EOS 5. Os equipamentos de iluminação também são os mesmos de antigamente: flashes Frata 140, de bolsa e com baterias recarregáveis.

Seu Luiz diz que seu sonho é parar com a fotografia e mudar-se para o Mato Grosso, pois gosta muito de pescaria e, atualmente, só tem ido pescar uma vez por ano.

## O fotógrafo José Galante

Começou a trabalhar com seu tio Augusto Galante (que chegou em Londrina em 1942) como auxiliar de laboratório, em 1966, com

apenas 13 anos de idade. Revelava os filmes preto e branco. Em um dos primeiros que revelou, disse que entrou no laboratório, com os olhos fechados, mas esqueceu de apagar a luz, e resultado: filme velado! Mas ele achava que tinha feito tudo certo, pois tudo estava escuro: e deu risada. Foi também balconista da loja mas, segundo ele, fazia de tudo – limpava o chão, entregava encomendas, até que um dia começou a fotografar casamentos com seu tio, e aí não parou mais. Orgulha-se de dizer que o alvará de licença do Foto Galante é de 1948.

Seu José (figura 13) tem 54 anos, um casal de filhos, e trabalha há 41 anos no ramo. Segundo ele, a melhor época da fotografia para documentos foi de 1970 até 1985, pois as carteiras de motorista utilizavam fotografias e eram de dois tamanhos nesse tempo – 3x4 e 2x2 – e ainda assim eram tiradas de frente e de perfil. Os títulos de eleitor também tinham fotos.



*Figura 13 - José Galante com câmeras de sua coleção  
Foto: Célio Costa*

Sempre trabalhou com fotografia em preto e branco para documentos. Disse que é o forte do estúdio até hoje e, segundo ele, é referência na cidade. A fotografia social, contudo, também sempre teve

destaque. Algumas famílias pioneiras foram fotografadas pelo Foto Galante, tais como: Garcia, Lopes, Pedriali, dentre tantas outras.

Disse que já perdeu as contas de quantos casamentos fotografou, mas passam de mil. Nos casamentos, destaca histórias curiosas como brigas intermináveis durante a festa, noivos que acabaram de se casar e nem terminaram a lua-de-mel, separando-se na seqüência, antes mesmo de escolher as fotos. Noivos que se acidentaram na viagem para lua-de-mel e um dos dois morreram. Noivos que queriam matar os familiares da noiva no dia do casamento, etc.

Em eventos como formaturas, contava com uma equipe de seis fotógrafos fixos e doze temporários, no final dos anos 90. Acabou desistindo, pela alta concorrência nesse mercado.

## Associação dos Fotógrafos de Londrina

Galante foi um dos três fundadores da Associação dos Fotógrafos de Londrina (Asfotol), juntamente com os fotógrafos Moreira e Caximbo, ambos ainda em atividade. Conta que a Associação não deu certo, mas que trabalhou muito para a sua consolidação. Segundo ele, a classe é desunida e hoje não existe um representante oficial da categoria, o que considera uma pena, pois não há como reivindicar direitos. Mas não se arrepende de ter dado o pontapé inicial nesse projeto que está registrado no Ministério do Trabalho.

O fotógrafo tem todo o material para produção em preto e branco, como estúdio, tanques de revelação, ampliadores – tudo desativado, mas não desmontado. Conservado, mas sem utilização, por não se encontrar os materiais químicos com a mesma facilidade que antes e, também, porque não compensa competir com o sistema digital, que ele vem utilizando ultimamente.

Foi fotógrafo da Companhia de Telefone de Londrina. Durante 30 anos, fotografava um tipo de painel que o Sercomtel usava para a

leitura dos gastos telefônicos dos usuários – para cada 100 telefones registrados no painel havia uma foto e, nesse tempo, quando começou, havia uns 1000 aparelhos indicados no painel que precisavam ser fotografados.

Trabalhou para a *Folha de Londrina* cobrindo esportes e sempre utilizou a câmera Rolleyflex. Nessa época fotografou grandes festas e eventos políticos, como a primeira Festa da Cerveja, a primeira Exposição Agropecuária da Sociedade Rural, a última Sessão da Câmara de Vereadores no antigo prédio usado pela Prefeitura – onde atualmente é a Biblioteca Pública. Fotografou a fundação da Universidade Estadual de Londrina, o primeiro caminhão de material para a sua construção, a fundação do prédio do Sercomtel, o Jôquei Clube – quando era na rua Santos, hoje tomada pelos prédios – dentre tantos outros.

Fotografou muitos velórios, no tempo que as pessoas queriam mandar para os parentes a imagem do falecido, já que a comunicação era precária e o transporte muito difícil. Restava somente a imagem fotográfica, junto aos familiares, posteriormente enviada pelo correio, principalmente para os parentes de estrangeiros imigrantes.

Hoje, Galante fotografa com câmeras digitais e analógicas, mas considera estas de qualidade superior, e diz que a digital ganha no aspecto da agilidade e economia, mas não na qualidade. Outro ponto importante abordado por ele é que a fotografia está perdendo muito e vai perder ainda mais com o advento da digital, pois hoje em dia as pessoas não fazem as cópias e só as guardam em computadores e gravam em CDs, os quais têm vida limitada e ainda não se sabe a durabilidade dessas novas mídias. Portanto ele é contundente em dizer que no futuro não existirá memória fotográfica, pois isso tudo vai se perder ao longo de pouco tempo.

Possui várias câmeras analógicas guardadas, pois não gosta de vender nada que utilizou. Seu tio sempre foi assim também, só comprou e não vendeu nada, tem uma relação muito forte com as câmeras fotográficas, das quais não dispõe de forma alguma.

## Yutaka Yasunaka e o Foto Estrela

Yutaka Yasunaka (figura 14) tem 83 anos de idade. Começou sua atividade de fotógrafo em 1º de outubro de 1952, quando chegou do Japão, ou seja, atua há 55 anos em Londrina. Sua especialidade no início era a fotografia para documentos, mas depois passou a fazer reportagens de casamento, fotos de primeira comunhão e festas de todos os tipos. Conta que as fotografias de casamento eram poucas na cerimônia – depois, o casal era levado para o estúdio, onde era fotografado juntamente com seus familiares. A vantagem, pelo sistema de estúdio que ele tinha e tem até hoje, é que no mesmo espaço havia três cenários distintos, podendo diversificar as poses e ambientação da cena.



*Figura 14 - Estúdio com cenário fixo em três paredes  
Foto: Célio Costa*

Começou com seu pai, que havia comprado o Foto Estrela de Carlos Stenders, nessa época situado na rua Mato Grosso. Assim que assumiu o Foto tentou por várias vezes comprar o prédio do antigo proprietário, mas não conseguiu. Então, depois de treze anos no mesmo lugar, mudou-se para a rua Maranhão, onde está até hoje. Diz que hoje é

tudo mais fácil e que, na época em que mudou para a Maranhão, até a rua tinha que ser lavada, devido à quantidade de poeira, uma vez que era de paralelepípedo e entre uma pedra e outra ficava a sujeira.

Um de seus trabalhos de maior destaque foram as fotografias dos pontos mais visitados de Londrina, nas décadas de 40 a 70, pois era grande a procura por estas imagens. Então resolveu fazer por conta própria uma série de fotografias, vendidas como recordação àqueles que visitavam a cidade. Porém, só recentemente (em 2004) a população da cidade ficou sabendo deste material, graças a um projeto patrocinado pelo Programa Municipal de Incentivo à Cultura, que possibilitou a publicação de um livro com parte do acervo do Foto. Segundo seu Yutaka, não havia nenhuma pretensão de um dia publicar esse material. Mal sabia ele quão grande seria a contribuição posterior desse material para a recuperação histórica de Londrina.

A primeira fotografia que deu origem ao interesse de fotografar os pontos da cidade foi de um cafezal, encomendada por um proprietário de terras na região. Foi uma tomada aérea de uma enorme plantação. Conta que foi uma experiência e tanto, já que para fotografar com a câmera Rolleyflex, sua velha companheira, abria a janela do avião, pois o formato de visor não era o mais apropriado. Diz que gostou do resultado e passou a contratar o piloto Narciso (que se tornou seu amigo) para outras aventuras, pois a despesa era pouca – só pagava o gasto com a gasolina do avião e nada mais. Voou várias vezes, e os resultados são belas imagens em preto e branco de vários pontos de Londrina.

Fotografou muitas inaugurações, pois a cidade estava crescendo rapidamente. Dentre tantas, citou o estádio Vitorino Gonçalves Dias, a garagem da Viação Garcia, a pioneira de Londrina, e a inauguração do Aeroporto.

Considera-se um fotógrafo eclético, que não escolheu o que fotografar e sim fotografou tudo o que apareceu, inclusive espetáculos circenses, shows de sanfoneiros, acidentes automobilísticos, etc.

Conta que nessa época os materiais fotográficos vinham de São Paulo pelos vendedores da Fuji e Kodak e que comprava o suficiente

para pelo menos três meses, o prazo mínimo até que os vendedores passassem outra vez. Utilizou muita chapa de vidro, que era o negativo antecessor ao filme de acetato. Tais chapas também eram trazidas de São Paulo.

Hoje, ainda possui o laboratório de fotografia em preto e branco, mas ele mesmo não revela mais. Tem um amigo que vem revelar os poucos filmes que aparecem. O estúdio está montado como antigamente, com os três cenários. Ainda os utiliza, porém poucos clientes o procuram. Ultimamente, tem trabalhado com uma máquina de xerox e vendas de pilhas, câmeras compactas e outros produtos. Disse que ainda abre as portas como uma forma de rever os amigos e ter alguém com quem conversar, pois acha melhor assim do que ficar assistindo à TV durante o dia, mas que não depende mais do Foto para sobreviver. Até o prédio do Foto Estrela, de sua propriedade, está à venda.

Porém, ele ainda exerce a atividade de fotógrafo: tem uma câmera Minolta profissional de foco automático (pois não enxerga bem), muito funcional, utilizada para fotografar os campeonatos de Karaokê que acontecem pela região e outros estados. Ele guarda outro talento: canta nesses eventos e é um dos melhores – chegou a conquistar o título de 2004 como melhor cantor na sua categoria no Campeonato Nacional de Karaokê realizado em Campo Grande (MS).

Confessou que ainda tem vontade de fotografar com câmeras digitais, pois acredita que vieram para dominar o mercado, tanto que o seu trabalho diminuiu por conta disso. Contou que muitos profissionais aprenderam fotografia com ele e com seu pai Suejiro Yasunaka.

## Seu Moreira e o Foto Moreira

Ser fotografado pelo Moreira (figura 15) é participar de um ritual, pois ele prepara o cenário, ajeita a camisa, arruma o cabelo, posiciona a postura da pessoa, endireita o rosto, até pede para o cliente molhar os lábios, e dá o clic. Essas são umas das suas várias características.



*Figura 15 - Júlio Moreira da Silva  
Foto: Célio Costa*

Júlio Moreira da Silva, 81 anos, é natural de Passo Fundo (RS). Aprendeu a fotografar aos 15, quando começou a trabalhar em uma loja chamada Foto Moderno. Ao completar 18 anos, foi para Santa Maria (RS), prestar o serviço militar, onde – conta – chegou a 3º sargento. Depois de concluído o serviço, começou a trabalhar no Foto Casa Aurora, e logo em seguida foi trabalhar na filial, localizada em Alegrete (RS), onde ficou por dois anos fotografando crianças. Basicamente, a fotografia que fazia era de sete rostos em uma só folha colorida à mão, pois nesse tempo ainda não existia a fotografia colorida, e para confeccionar as fotos, aprendeu pintura de imagens com o fotógrafo russo-uruguaio, David Podolski.

Em 1949, resolveu trabalhar como autônomo. Conheceu Leoni Luzardo Trindade, com quem se casou em janeiro de 1951, e quatro meses depois já estava morando em Londrina.

Estimulado pela publicidade dos agenciadores de terra e a crescente colonização do município, veio se estabelecer como fotógrafo. Trabalhou

seis anos atendendo em domicílio, somente com a bolsa de fotografia e sua rara câmera Exacta Varex. As fotografias eram feitas com luz natural, nas varandas das casas ou no quintal, pois não era viável fotografar com flashes pelo alto custo das descartáveis lâmpadas de magnésio.

Oferecia seus trabalhos para fotografar especialmente crianças. O primeiro cenário que procurou para fotografá-las foi a avenida Higienópolis, e posteriormente fez exposição das imagens nas Casas Fuganti e loja A Princesinha, que também ficava no centro da cidade.

Somente em 1958 montou o seu estúdio fotográfico na rua Pernambuco, 410, sala 35. Nessa época recebia clientes de várias cidades da região, trazendo as crianças para serem fotografadas.

Fotografou o primeiro casamento em 1960, de uma integrante da família Boralli. Segundo seu Moreira:

Nesse tempo não existia o flash eletrônico e sim uma lâmpada conhecida como ovo de pato, conectada a um tipo de míni-refletor próprio da câmera Rolleyflex. Esse flash era conhecido como Roleyflash, e para cada foto queimava-se uma lâmpada. Era preciso ir para a igreja carregando uma porção de lâmpadas, para a realização das imagens, porém era uma luz muito boa e as fotografias ficavam lindas.

Moreira sempre se destacou pela qualidade fotográfica dos seus trabalhos, e ainda utiliza câmeras de médio formato.

Sempre gostou de visitar exposições de fotografia, gosta de fotos turísticas, artísticas e de natureza. Conta que tudo que aprendeu foi de forma autodidata. Mesmo antes de falar em didática fotográfica, ele já tinha conhecimento de fotografia: “Sempre fui muito observador, analisava o rosto das pessoas, para saber qual o lado era fotogênico para daí capturar a imagem, e percebendo tais condições, regulava a iluminação e a posição mais adequada para retratá-las.”

Contou mais: “Recentemente fotografei um casamento e ainda em plena era digital, fiz questão de fotografar em médio formato, embora tenha levado um segundo fotógrafo com uma câmera de filme de 35 mm.”

Seu Moreira permaneceu com o estúdio na rua Pernambuco até conseguir comprar o seu próprio espaço, onde está até hoje, no edifício Tuparandi, na rua Professor João Cândido.

Fotografa ainda no estilo que ele considera seu maior destaque – fotos de crianças, posteriormente ampliadas lado a lado entre cinco e sete vezes na mesma imagem, de tamanho 30x40cm. Muitos clientes antigos agora o procuram para fazer as mesmas fotos para os filhos e até mesmo netos.

Seu Moreira também foi o fotógrafo mais requisitado para casamentos e até bem pouco tempo fotografou os filhos e até netos dos primeiros casais por ele registrados em Londrina. Hoje não fotografa mais casamentos, pois a geração mudou e os casais querem fotografias como as que estão em moda, as fotojornalísticas, as montagens, sobreposições e de movimento, feitas digitalmente.

Ele tem duas salas no mesmo local, lado a lado – uma era laboratório para fotografias em preto e branco e balcão de atendimento e a outra o estúdio de retrato, *book*, fotos de crianças e de famílias, etc. Nos dias de hoje trabalha no estúdio, que tem uma escrivaninha onde estão guardados entre outras coisas, os lápis de retoque de negativos, os manuais das Rolleyflex e da Pentax K1000 e muitos livros técnicos.

Minha vida toda fotografei em preto e branco, para documentos, casamentos, crianças, etc. Só em 1970 comecei a usar também o colorido. Porém, devido à falta de material e o preço, faz uns três anos que não fotografo em preto e branco, somente em filme cor, embora eu não fotografe em digital, sei que a fotografia digital facilitou esse tipo de trabalho, em contrapartida acelerou a desativação do trabalho de muitos profissionais.

Ultimamente tem fotografado somente no estúdio, bem montado e com uma iluminação de primeira linha, com duas sombrinhas, tochas (flashes) e mais dois flashes de bolsa.

## Considerações finais

Depois de vários encontros, com entrevistas, conversas informais e observação do trabalho dos antigos fotógrafos de Londrina, a pesquisa constatou que, dos cinco entrevistados, dois estão finalizando os trabalhos no campo profissional da fotografia, pela idade avançada – é o caso do seu Yutaka Yasunaka, com 83 anos, e do seu Moreira, com 81. Outro fato que tem contribuído para o afastamento é a falta de afinidade com o processo digital: eles se encontram sem perspectiva de aperfeiçoar os conhecimentos nessa área. O terceiro agravante é que as fotografias analógicas, em preto e branco ou coloridas, estão se tornando raras e caras, principalmente com relação ao preto e branco, pois o material está cada vez mais escasso.

Outros dois fotógrafos – seu Luiz, do Foto dos Estudantes, e José Galante, do Foto Galante – ainda pretendem ficar mais tempo no mercado, entretanto estão tentando inserir a fotografia digital nos seus estúdios em fotografias para documentos, como alternativa para se manterem no mercado. Já o seu Messias é o que tem sua atividade mais ameaçada, pois é o último lambe-lambe de Londrina, e sua atividade já não lhe traz rentabilidade; faz poucas fotografias. Esporadicamente fotografa eventos, como festas temáticas. O que o mantém na atividade é o amor pela profissão e o fato de não ter despesas com aluguel, telefone, energia – o único gasto é o alvará anual.

O mais relevante que se nota no desânimo de todos eles é a proliferação e facilidade do sistema digital, em detrimento do sistema analógico, colorido e preto e branco, para amadores e profissionais, bem como para os órgãos públicos e privados, que confeccionam nos próprios locais as fotografias para documentos e carteiras funcionais. Podemos citar como exemplo o Departamento de Trânsito Nacional (Detran), que tem instalado na instituição equipamento digital para a captura das fotos para a carteira nacional de habilitação.

A Secretaria de Segurança Pública também deverá adotar o sistema para as carteiras de identidade, uma vez que hoje as fotografias são impressas nas identificações (RG) diretamente no papel da cédula e não mais colada como anteriormente. Portanto, são escaneadas e impressas. É de se esperar que esse processo seja trocado pela fotografia digital, impressa diretamente na cédula e que esse sistema seja utilizado pelos próprios funcionários do Instituto de Identificação dos estados, e assim deve acontecer com os vários órgãos públicos. Este conjunto de fatores extinguirá do mercado esses profissionais que viveram e tentam viver do “velho sistema”.

A falta de afinidade com o novo sistema e os preços dos investimentos afugentam qualquer perspectiva de continuidade com a fotografia. Para esses profissionais, seria necessário reaprender a fotografia enquanto técnica, e adotar o sistema de *softwares* de gerenciamento, ou seja, os tratamentos pós-fotográficos, a utilização de computadores e programas específicos. Porém, a falta de paciência com o novo aprendizado e o fato de poder continuar ainda por algum tempo com a fotografia analógica, desmotiva esses profissionais a tentar ingressar na nova tecnologia.

---

## Referências

---

BONI, Paulo César. **Fincando estacas!** A história de Londrina (década de 30) em textos e imagens. Londrina: Ed. do autor, 2004.

RIBEIRO, Solon. **Pequena história da fotografia popular.** Fortaleza: Imprensa Universitária. 1997.